

RESENHA

VARELLA, Drauzio. *Carcereiros*. 1. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

Resenhado por Kathelyn Aguiar Silva¹

Carcereiros, publicado em 2012, é o segundo livro de uma trilogia sobre o sistema carcerário brasileiro, que retrata as situações vivenciadas e relatadas ao médico Drauzio Varella enquanto prestava serviço voluntário em diversos presídios. O primeiro livro, *Estação Carandiru*, datado de 1999, traz relatos da população carcerária do maior presídio do Brasil na época, a Casa de Detenção de São Paulo. O terceiro livro, *Prisioneiras*, lançado em 2017, reúne as observações do médico sobre seu tempo de trabalho voluntário na Penitenciária Feminina de São Paulo. Neste livro, encontra-se os relatos e as vivências dos agentes penitenciários, que muitas vezes, levam má fama por não terem suas histórias conhecidas.

A trilogia é resultado de uma jornada de 28 anos do médico no sistema penitenciário brasileiro. Drauzio Varella é um renomado médico cancerologista formado pela Universidade de São Paulo (USP). Seu trabalho começou em 1989 quando pesquisava sobre a incidência do vírus HIV na população carcerária da Casa de Detenção do Carandiru². Desde lá até a desativação do prédio em 2002, exerceu trabalho voluntário que se estende até hoje na Penitenciária Feminina de São Paulo. O livro traz 36 relatos de carcereiros que o médico conheceu em todos os presídios que trabalhou desde o Carandiru e do próprio autor enquanto prestava seu serviço. Em duas décadas de trabalho, Varella conheceu e se aproximou de muito deles, que passaram a se encontrar regularmente em um bar em frente ao Carandiru, lugar onde ouviu muitos dos relatos que estão contidos no livro.

A inspiração para o trabalho nas penitenciárias vem do fascínio pelo mundo do crime que tinha na adolescência, comenta Varella no capítulo *O submundo*. Ele também a atribui ao seu interesse pela marginalidade ainda na infância ao assistir filmes de cadeia e ouvir no rádio programas policiais, também descrita no segundo capítulo da obra. Segundo o autor:

A diferença é que a maturidade e a prática da medicina substituíram a curiosidade infantil e aquela que me levou à Casa de Detenção por formas mais complexas de envolvimento com os personagens condenados a viver atrás das grades e com os homens escalados para impedir que fujam. (VARELLA, 2012, p.88)

¹ Graduanda do curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal do Ceará.

² Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/biografia/>. Acesso em: 16 de abril de 2019.

Já para a maioria dos carcereiros, a motivação principal para seguir carreira no sistema prisional foi a estabilidade financeira possibilitada pelo funcionalismo público. A origem social deles é muito semelhante: começaram a trabalhar cedo e fazem parte de famílias que impuseram seus valores fortemente aos seus filhos. É muito comum que jovens da mesma comunidade fossem aprovados juntos, assim também como era comum um agente encontrar detentos que foram seus amigos de infância. Além disso, o autor também mostra em *Questão de princípios* como o rumo desses dois jovens podem ser distintos graças às dificuldades que o trabalho proporciona ao carcereiro.

Mesmo sendo servidor público, a média salarial do carcereiro é muito baixa, o que obriga a ter um segundo expediente. Muitos fazem bicos como seguranças de lojas, assim também como muitos recorrem à desonestidade e ganham dinheiro dos detentos para fazer vista grossa sobre algumas situações e providenciar regalias para eles. Além do cotidiano violento, os carcereiros têm que lidar com o fato de muitos colegas irem para trás das grades. Mesmo aqueles que possuem conduta honesta, não os julgam, pois compartilham das mesmas dificuldades.

Drauzio vai comentar esse mal comportamento e a má fama dos agentes em *Carcereiros do passado*. De início, ainda no Império, era preciso obrigar algum cidadão para trabalhar nas prisões já superlotadas. Além disso, a estrutura era péssima com más condições de higiene, fazendo com que os trabalhadores tivessem contato direto com os presos, capaz de transmitir doenças endêmicas na época. Essa realidade mudou com a inauguração da Penitenciária do Estado, no entanto, os agentes continuaram sendo mal pagos e não tendo nenhum preparo, muitos deles eram jogados aos presos no primeiro dia de trabalho e precisavam aprender “na marra” e com os funcionários mais velhos. Muito dos carcerários que são apresentados no livro passaram por essa situação pois os cursos de preparação só surgiram nos últimos anos.

Em contraste com isso, no seu primeiro relato, Drauzio vai mostrar que os carcereiros não são essas figuras más. Ele inicia o livro com *Um dia trágico*, contando os bastidores do Massacre do Pavilhão 9. A invasão da Polícia Militar de São Paulo no Carandiru para conter uma rebelião interna resultou na morte de 111 presos em 2 de outubro de 1992. Esse episódio transformaria de vez a relação entre presos e carcereiros no sistema penitenciário, uma vez

que configurou o momento em que as facções passaram a assumir o controle dos presídios paulistas (VARELLA, 2012). Aqui é apresentado Seu Araújo, chefe titular substituto do Pavilhão 8, e sua estratégia para, junto com os outros carcereiros, impedir que a PM invadisse a área e legitimasse também o pavilhão em que era responsável. O ato heróico de Seu Araújo, Osmar, Osvaldo, Silvão e Jeremias surge para desfazer quaisquer estereótipos que menosprezem o trabalho presente nas penitenciárias. É uma sábia escolha do autor para impactar e sensibilizar o leitor sobre a vida desses trabalhadores.

Logo em seguida, o médico também apresenta o rumo de todos após a implosão da Casa de Detenção em 2002. Esse é outro evento marcante na vida dos personagens principais desta obra. Após 13 anos de trabalho penitenciário o médico foi designado para a Penitenciária do Estado, enquanto os carcereiros foram distribuídos pelas cadeias de São Paulo. Na tentativa de apagar qualquer rastro do Carandiru, os mais experientes dos agentes penitenciários foram designados a postos subalternos, longe do contato com os presos, sendo comandados até por gente mais inexperiente que eles. A leitura desse fato também faz perceber as estratégias do governo de São Paulo para extinguir traços da antiga relação entre presos e carcereiros.

Essa relação vai ser descrita no capítulo *A tortura*, no qual o autor faz questão de mostrar que ela não esteve restrita ao período do regime militar, pelo contrário já se estendia nas penitenciárias muito antes da ditadura. Quando a Justiça e o Estado falham, “a sociedade entrega de bom grado às forças de repressão a tarefa de castigar”(VARELLA, 2012, p.138). Quando o médico chegou no Sistema Penitenciário em 1989 a violência contra presos havia deixado de ser corrente, no entanto, os casos ainda ocorriam na calada da noite para coletar informações, corrigir desrespeitos e vingar maus tratos a outros presidiários.

Os atos violentos acabaram corrompendo os bons valores que os trabalhadores carregavam de seus pais. Muitos relatam que passaram a bater nos presos sem ao menos ter uma razão para isso. Hulk, um carcerário que prezava pela honestidade, começou a violentar para vingar feitos, mas depois viu-se viciado no ato. Em conversa com o autor, o trabalhador confessa:

Esse negócio de bater contamina o cidadão. Ia chegando o fim da tarde, começava a ficar agitado, nervoso, enquanto não batesse num ladrão parece que não sossegava. Fiquei de um jeito que batia em um porque havia feito, em outro porque deixou de fazer. (VARELLA, 2012, p. 57)

Essa transformação nas atitudes dos trabalhadores é bem abordada no capítulo *Violência contagiosa*. O autor comenta como o ambiente prisional contribui para que esses desejos sejam aflorados. Ele mesmo relata que enquanto trabalhava sentiu vontade de bater em um preso, não por sofrer desrespeito mas para castigá-los pelas atrocidades que cometem. Para o médico, a violência é uma doença contagiosa que impede que a prática da tortura esteja cada vez mais longe de ser erradicada, pois, segundo ele: “Como saber o que acontece durante a madrugada num canto qualquer de um distrito de periferia ou num presídio em que a sociedade nem sabe que existe?” (VARELLA, 2012, p. 147)

Embora os atos de violência sejam os mais comentados, essa relação não se resume somente a eles. Durante todo o livro são descritos momentos em que os próprios carcereiros prezam pela vida dos detentos, como a narrativa dos bastidores do massacre. Diariamente esses trabalhadores têm de esforçar para apartar brigas, acalmar momentos de tensão e impedir que novas mortes e fugas aconteçam. Para isso, contam com a ajuda de presos informantes.

Essa interação com os detidos é descrita mais detalhadamente no capítulo *Os delatores*. A ligação inicialmente acontece por uma troca de interesses: os trabalhadores querem informações e os presos alguma vantagem, geralmente transferências ou regalias. Contudo os carcereiros precisam ter habilidades para identificar um delator autêntico para não cair em armadilhas, como aconteceu com Irani e Florisval no capítulo *A batalha do conhaque*. Além disso, precisam confirmar a informação de uma forma que não entregue o informante, já que, segundo as leis do crime, a alcaguetagem é uma falta gravíssima passível de pena capital. Por desenvolverem um elo protetivo com os detentos, muitos deles exerceram o papel contrário e defendem a vida desses trabalhadores quando ela é ameaçada.

A rotina de trabalho é marcada por constantes riscos. Esse fator explica a solidariedade dos carcereiros entre si, narrada no capítulo *Solidariedade*. Aqui o médico lembra como a vida está a um triz: “uma palavra mal colocada, um passo em falso, uma simples distração podem comprometer a integridade física de todos”(VARELLA, 2012, p.99). Na época dos castigos físicos, a insegurança estava presente até quando os funcionários estavam fora do ambiente de trabalho. Guilherme Rodrigues, diretor de uma das quatro unidades do Caldeirão de Pinheiros, conta para o médico o caso de um diretor que foi assassinado por ter esbofeteado um preso, uma prática que é ofensiva para os bandidos.

A tensão diária também mexe com o psicológico dos funcionários. Varella descreve o verdadeiro contraste entre o portão. O carcereiro nesta situação abandona o mundo livre para entrar em contato direto com o mundo do crime, que preza por diferentes valores e leis. Para o primeiro, a vida é um bem precioso, para o segundo, a vida nada mais é que uma moeda desvalorizada. A exposição demasiada a esse ambiente contamina o trabalhador que logo cedo é levado a desacreditar de tudo e todos e a buscar sentido em atitudes insignificantes. O olhar frio para o crime nada mais é do que uma forma de defesa do carcerário, pois, segundo o autor, a convivência em um presídio seria insuportável se os trabalhadores trouxessem para o ambiente de trabalho os sentimentos que regem as relações fora do muro. O contato com a violência sempre vai deixar cicatrizes. Odair, carcereiro amigo do autor, relata que as cenas abruptas lhe perseguem até quando tem sua intimidade com sua mulher: “Quem está lá fora pensa que a gente é insensível, mas quem apaga as desgraças da nossa mente?” (VARELLA, 2012, p.135)

As oito horas diárias e os plantões noturnos afetam a vida social dos trabalhadores. Enfrentar diariamente a morte, trabalhar em segundo turno para conseguir fechar o orçamento e lidar com as reclamações da família que é cada vez mais renunciada, faz com que esses homens procurem uma válvula de escape: *A mulher e A cachaça*. Nesses dois capítulos, o autor vai explicar a predisposição que os agente penitenciários têm para serem adúlteras e alcoólicos. As narrações mostram como a rotina pesada de trabalho facilitava os homens a enganarem suas mulheres e possibilitava o primeiro contato com a bebida. A narrativa de justificação reúne também uma história engraçada de um carcereiro que foi perseguido por uma mulher de um presidiário, recurso utilizado provavelmente para aliviar a tensão das descrições das cenas de violência presentes em boa parte do livro.

Especificamente no capítulo da cachaça Varella traz uma fala técnica como médico. Ele analisa como o fígado dos carcereiros mais resistente ao álcool, do que em outro homem. Para conseguir superar as fortes cenas vivenciadas, esses funcionários abusam de bebidas fortes: cachaça e conhaque são as suas preferidas. As quantidades de bebidas ingeridas normalmente levariam eles à cirrose, mas surpreendentemente, os exames sanguíneos não apresentam alterações. Não é que a profissão atraia alcoólicos, na verdade, muitos quando assumiram o cargo eram abstêmicos ou não bebiam muito. A ida frequente ao bar depois dos expedientes foi o momento que possibilitou que Varella fizesse amizade com os trabalhadores, ouvisse suas histórias e, finalmente, pudesse contá-las neste livro.

Ao decorrer do livro, Varella também reúne suas considerações sobre o sistema carcerário brasileiro. A apresentação das suas vivências contribui bastante para entender a realidade de um local que só é exibido nacionalmente para difundir medo na população. O médico, com dados relevantes, derruba argumentos de que a solução para a superlotação seria a construção de novos presídios. Para o médico, o lema “lugar de bandido é na cadeia” é vazio e demagógico, pois, com 100 novos presos diários, se torna impossível construir presídios suficientes. Ele também fala sobre como se tem consciência de que o trabalho pode ressocializar o preso, mas não se oferecem oportunidades de emprego. A solução do médico para a superlotação é a redução da população carcerária com a aplicação de penas alternativas, além de individualizar o cumprimento de pena, pois a ampla diversidade de crimes presentes num mesmo cubículo torna as prisões grandes faculdades do crime.

Todo esse discurso é feito para construir o argumento final do autor de que o homem nada mais é do que o resultado de suas vivências. Tantos presos, como carcereiros, suas famílias e até o próprio médico são impactados pelo ambiente prisional. Não faltam relatos de como muitos presos cometeram crimes para sobreviver nas prisões e como seus familiares ajudaram nesse processo. Também não são poucos os relatos de trabalhadores que apelaram para a desonestidade para sobreviver e trazer suprimento a sua família. Assim como o médico também assume que sua maturidade foi engrandecida pela convivência nos presídios. Em *A festa*, último capítulo do livro ele mostra a aflição que é guardar para si grande parte dessa experiência para não contaminar suas relações com as pessoas que não estão inseridas nesse contexto. Toda a frieza que esses trabalhadores expressam é a tentativa de poupar amigos e familiares das atrocidades assistidas no trabalho. A realidade dessas barbaridades é a única capaz de aproximar esses homens de um médico com uma origem social completamente diferente deles:

“...mas na mesa de um bar essas diferenças perdem significados diante da solidariedade, da compreensão mútua, da disposição para amparar o companheiro em dificuldade e da aceitação sem julgamento dos defeitos e dos erros cometidos por todos nós”. (VARELLA, 2012, p.225)

Depois da implosão do Carandiru, os encontros nunca mais foram os mesmos, os trabalhadores tinham receio de comentar atos violentos contra os presos. Entretanto, mesmo com o prédio virando pó, os fantasmas de todas as situações sofridas por cada um deles durante aqueles anos ainda retornam nos encontros. O médico finaliza o livro não julgando,

mas compreendendo as atitudes tomadas por esses homens. Eles foram contratados em uma época em que a tortura era uma política institucional consentida pela sociedade, não tiveram preparos para encarar o ambiente precário em que convivem diariamente e ainda têm que enfrentar um péssimo pagamento, o desafio de sustentar sua família, e possuírem suas vidas constantemente ameaçadas. Varella finaliza o livro avaliando que esse conjunto de situações leva os trabalhadores a procurarem agir da maneira que lhes pareçam mais sensata.

O segundo livro da série de Drauzio Varella sobre sua carreira como médico voluntário no Sistema Carcerário Brasileiro não peca em nos apresentar uma narrativa autêntica do cotidiano de uma prisão. Os relatos são muito bem descritos, o que torna a narrativa pesada para o leitor. Sua intenção deve ser exatamente essa: causar um desconforto ao leitor semelhante ao desconforto que é viver nesse contexto. A realidade do sistema prisional é tão dura de se conhecer, que ao ler sobre a vida desses trabalhadores, o leitor vivencia alguns dos sentimentos que os carcereiros enfrentam durante sua rotina de trabalho. Nervosismo, frustração, tensão e aflição acompanham boa parte da leitura.

A descrição da vida dos trabalhadores antes e depois de assumir o cargo como agente penitenciário permite aproximar esse trabalhador da vida do leitor, que facilmente identifica nos agentes um familiar ou um amigo. Esse recurso contribui também para desmistificar a figura monstruosa que é atrelada à profissão. Ao conhecer suas famílias e suas dificuldades de vida, o leitor se sensibiliza com a realidade da profissão. Carcereiros é um livro necessário para o Brasil atual. Suas histórias são essenciais para derrubar uma massa que consente com práticas de tortura diárias e nunca sequer adentrou a esses locais. Dar voz a esses homens é uma oportunidade fantástica para aprender sobre os reais problemas de nosso país. Para dar valor a essas histórias, com 28 anos de carreira nos presídios de São Paulo, nada melhor do que Drauzio Varella, um médico renomado e respeitado em todo o território nacional, principalmente pela elite que tenta ofuscar essa parcela da sociedade.

REFERÊNCIAS

FINCO, Nina. Prisioneiras, de Drauzio Varella, conta a vida nas prisões femininas. **ÉPOCA**, Rio de Janeiro, 13 de maio de 2017. Cultura. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/cultura/noticia/2017/05/prisioneiras-de-drauzio-varella-conta-vida-nas-prisoas-femininas.html>>. Acesso em: 16 de abril de 2019.

MOTTA-ROTH, Désirée (Org.). **Redação acadêmica: princípios básicos**. 1. ed. Santa Maria: Imprensa Universitária, 2001.

PORTAL DRAUZIO VARELLA. Biografia. Disponível em:
<<https://drauziovarella.uol.com.br/biografia/>>. Acesso em: 16 de abril de 2019.

VARELLA, Drauzio. **Carcereiros**. 1. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2012.